

Representação da Mulher Negra na Literatura Afro-Brasileira: Um Estudo da obra Afrochego de Odailta Alves¹

Daniela Paula da Silva²

RESUMO Este artigo analisa a obra da poeta Odailta Alves, destacando a complexidade da vivência da mulher negra no Brasil. A literatura afro-brasileira é apresentada como uma expressão cultural que reflete as experiências da população negra, e a obra de Alves é vista como uma importante ferramenta de resistência e empoderamento. O estudo explora temas centrais na poesia de Alves, como ancestralidade, racismo, sexismo e a luta pela valorização da mulher negra. A análise inclui poemas como "Tela Preta" e "Eu-resistência", que abordam a interseccionalidade e as múltiplas identidades que as mulheres negras enfrentam. Além disso, o artigo relaciona a obra de Alves com as contribuições de outras grandes autoras negras, como Conceição Evaristo (2009), Miriam Alves (2010), Lélia González (2020), Joice Berth (2019), Ângela Davis (2016), bell hooks (2019), Gayatri Spivak (2010) e Djamila Ribeiro (2019), enfatizando a importância da participação ativa das mulheres negras na literatura. Como principal resultado, concluiu-se que a literatura é uma ferramenta essencial para questionar e transformar a percepção social sobre a negritude e o feminismo negro no Brasil, promovendo um futuro mais justo e igualitário.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Afro-Brasileira, feminismo interseccional, Odailta Alves, Empoderamento, Resistência.

RESUMEN: Este artículo analiza la obra de la poeta Odailta Alves, destacando la complejidad de la vivencia de la mujer negra en Brasil. La literatura afro-brasileña se

¹ Trabalho apresentado na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso — TCC, ministrada pelo Prof. Dr. Ewerton Ávila dos Anjos Luna, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras Português-Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco — UFRPE, sob orientação da Prof.^a Dra. Sherry Almeida. No primeiro semestre de 2024.

²Graduanda em Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela UFRPE/SEDE. E-mail: danipaula1805@gmail.com

presenta como una expresión cultural que refleja las experiencias de la población negra, y la obra de Alves se considera una herramienta importante de resistencia y empoderamiento. El estudio explora temas centrales en la poesía de Alves, como la ancestralidad, el racismo, el sexismo y la lucha por la valorización de la mujer negra. El análisis incluye poemas como "Tela Preta" y "Eu-resistência", que abordan la interseccionalidad y las múltiples identidades que enfrentan las mujeres negras. Además, el artículo relaciona la obra de Alves con las contribuciones de otras grandes autoras negras, como Conceição Evaristo (2009), Miriam Alves (2010), Lélia Gonzalez (2020), Joice Berth (2019), Angela Davis (2016), bell hooks (2019), Gayatri Spivak (2010) y Djamila Ribeiro (2019), enfatizando la importancia de la participación activa de las mujeres negras en la literatura. Como principal conclusión, se establece que la literatura es una herramienta esencial para cuestionar y transformar la percepción social sobre la negritud y el feminismo negro en Brasil, promoviendo un futuro más justo e igualitario.

PALABRAS CLAVE: Literatura afro-brasileña, Mujer negra, Empoderamiento, Resistencia.

1. Considerações iniciais

A literatura afro-brasileira emerge como uma expressão cultural e artística que reflète a complexidade da experiência da população negra no Brasil. Além disso, nas últimas décadas autoras negras têm ganhado notoriedade e despontado como grandes escritores(as) no Brasil e no mundo, isso cada vez mais inspira e influencia uma nova geração.

Neste contexto, surge Odailta Alves, uma escritora pernambucana, que desperta admiração e o reconhecimento de um público diverso e crescente no cenário cultural contemporâneo. Nascida em 14 de julho de 1979, na cidade do Recife, ela não apenas compartilha sua história pessoal, mas também as lutas e resiliência de sua comunidade. Destaca-se como educadora, atuando ativamente na formação étnico-racial nas escolas públicas do Recife. Reconhecida como uma ativista incansável dos Direitos Humanos, com foco em práticas antirracistas, reflète essa luta

em sua escrita e arte, utilizando a palavra como instrumento de resistência e transformação³.

Como escritora independente, ela deu vida a oito obras que refletem suas experiências, lutas e identidade. Seus quatro livros de poemas, como *Clamor Negro* (2016), *Cativeiro de versos* (2018), *Letras pretas* (2019) e *Nenhuma Palavra de Amor* (2021), exploram temas como amor, dor e ancestralidade. Já, seus três livros de contos, incluindo *Escrevivências* (2019), *Pretos Prazeres* (2021) e *Sapatão em Prosa e verso* (2022), expandem a temática afro-brasileira, explorando a diversidade dentro da comunidade negra, além de apresentar questões sobre identidades e sexualidades dissidentes, não normatizadas. O reconhecimento de seu talento veio por meio de prêmios como o “Da Casa de Espanha” (2016) e o “Elas por Elas” (2019). Em 2022, seu monólogo "Clamor Negro" foi premiado no Festival “Pernalonga de Teatro de Pernambuco”, destacando não apenas suas habilidades como escritora, mas também como atriz. Mesmo enfrentando desafios em uma indústria cultural muitas vezes excludente, Odailta persiste em dar voz e visibilidade à comunidade negra, seus livros são mais do que meras obras literárias; são manifestos de resistência, celebrações da cultura afro-brasileira e convites à reflexão e à transformação. Seu mais recente livro, *Afrochego: Poemas para Acalentar Meu Povo* (2023) oferece uma variedade de perspectivas sobre a experiência da mulher negra na sociedade brasileira, destacando questões de identidade, racismo, resistência e empoderamento. Configura-se, sem dúvida, como uma obra emblemática que mergulha nas profundezas das vivências de mulheres negras, por isso foi escolhida como objeto de estudo deste trabalho.

Assim como na obra de Odailta, as questões raciais, as questões de gênero e a questão socioeconômica que atravessam a vida do povo negro também estão entre as principais preocupações discutidas na literatura afro-brasileira. Logo, essa literatura transcende os limites da importância estética, assumindo um papel crucial na luta contra o racismo no Brasil e no mundo. Por meio de temas transgressores, essa literatura desafia estereótipos e ressignifica identidades, promovendo um processo de empoderamento e reconhecimento das múltiplas facetas da negritude. Contudo, a dificuldade enfrentada por autores negros para terem suas obras reconhecidas e divulgadas revela as barreiras impostas pelo sistema literário dominante,

³ Atualmente é doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco, e concursada na Secretaria de Educação de Pernambuco, na qual atua como vice gestora,

evidenciando a necessidade urgente de ampliar mais o espaço para vozes marginalizadas.

Isso exposto, este artigo se propõe analisar como Odailta Alves representa a vivência da mulher negra na literatura afro-brasileira na obra *Afrochego*, considerando as perspectivas teóricas de autores como Conceição Evaristo (2009), Miriam Alves (2010), Lélia Gonzalez (2020), bell hooks (2019), Ângela Davis (2016), Djamila Ribeiro (2019), Gayatri Spivak (2010) e Joice Berth (2019). Serão analisados os poemas: “Tela Preta”, “Letras Pretas”, “Antigamente”, “Versos Fúnebres”, “Chega!” “Eu-resistência” e “Negritude no Poder”. Numa primeira leitura geral, percebe-se que todos os poemas possuem características em comum, que evidenciam o engajamento da autora na luta contra o racismo e pela valorização e pelo reconhecimento da mulher negra na sociedade. Formalmente, observamos que todos os poemas compartilham uma estrutura livre, sem a rigidez de rimas ou métricas fixas, o que reforça a ideia de liberdade e resistência presente nas temáticas abordadas, que destacam o papel crucial da mulher negra na construção de um futuro mais justo e igualitário. Através de sua poesia, Alves não só traz estímulos para empoderar a mulher negra, mas também desafia e transforma a percepção social sobre a negritude e o feminismo negro no Brasil.

2. A Importância da Literatura Afro-Brasileira escrita por mulheres: poesia e história na obra *Afrochego*

A literatura afro-brasileira é uma forma de expressão que nasce da interação entre descendentes dos africanos no Brasil e sua história, ou seja, é uma maneira de contar suas próprias histórias, compartilhando suas experiências, vivências e visões de mundo. Ao fazer isso, os autores desafiam as ideias eurocêntricas e preconceituosas que estão enraizadas na sociedade atual. A escritora Conceição Evaristo reflete sobre essa questão e afirma que: “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2009, p. 54). Deste modo, podemos entender a importância da literatura como uma ferramenta essencial de questionamento, resistência e luta social por permitir a compreensão de si mesmo e dos outros, especialmente ao considerar a vivência fundamental de cada indivíduo, como no caso

da experiência de ser negro em um mundo de domínio político e econômico predominantemente branco e eurocentrado. A escritora afro-brasileira e intelectual Miriam Alves faz o seguinte posicionamento a respeito da escrita das mulheres negras.

A produção textual das mulheres negras é relevante, pois põe a descoberto muitos aspectos de nossa vivência e condição que não estão presentes nas definições dominantes de realidade e das pesquisas históricas. Partindo de um outro olhar, debatendo-se contra as amarras ideológicas e as imposições históricas, propicia uma reflexão revelando a face de um Brasilafro feminino, diferente do que se padronizou, humanizando esta mulher negra, imprimindo um rosto, um corpo e um sentir mulher com características próprias. (ALVES, 2010, p. 67).

Nessa ótica, encontramos logo nas primeiras páginas do livro *Afrochego* o poema “Tela Preta”, no qual Odailta Alves recupera e relata essa experiência de ser uma mulher negra, e como é resistir e galgar espaço ao mesmo tempo, como demonstram os seguintes fragmentos:

Eu sou a tela preta
Projetada pelas lentes
Da mãe África
Venho da realeza negra
E luto com versos e dentes
Regando minha história
História de minha mãe
Minha vó
Minha bisa
História que o Brasil pisa
Mas brota... brota sempre
Pois somos sementes...
Sementes de baobá
[...]
Abro o ventre da terra
E revelo toda a memória
Apagada pela escravidão
Furo o bucho do silêncio
E grito ao som dos tambores:
Quero outro roteiro (ALVES, 2023, p.12 fragmentos).

O poema começa afirmando a identidade da autora o que pode ser verificado nos versos: “Eu sou a tela preta” / “Venho da realeza negra”, também fala da resistência da mulher negra “História que o Brasil pisa, mas brota”. O próprio título “Tela Preta” já é uma superfície sobre a qual fatos e eventos que acontecem na vida dessas mulheres são contados e são preservados, construindo um objeto de

declaração e memória que ajuda a refletir sobre essas experiências. Logo no início a autora declara que tem sua origem na África, quando a reconhece como “Mãe África” e reflete sobre essas raízes que têm origem em um reino.

No decorrer do poema, a eu lírica discorre de forma profunda sobre as vivências ao longo dos tempos. E ressalta a importância de descobrir e promover sua história, buscando reparação e reconhecimento para sua “mãe”, “avó” e “bisavó” e, ainda, para as histórias dessas ancestrais que foram desvalorizadas no Brasil. A autora acredita que essas histórias têm força própria e elas emergem como sementes da árvore de um baobá, que mesmo pisadas são resilientes e resistentes e no momento oportuno vão germinar. Assim, a eu lírica se enxerga como protagonista de relatos desafiadores, confrontando ativamente as ideias predominantes e reivindicando seu lugar na construção da história e cultura brasileira. A personagem luta com “versos e dentes”, usando sua voz literária como instrumento de resistência contra a opressão e injustiça.

Além disso, Odailta Alves inclui elementos de ancestralidade e espiritualidade em seu poema, mencionando tambores e ritmos que ecoam através das eras, conectando-a às tradições e memórias de seus antepassados. Ela quebra o silêncio imposto pela escravidão, expondo as verdades ocultas e clamando por uma “outra concepção”, por uma outra história que celebre sua identidade sua dignidade. O poema também celebra a beleza e resiliência do (a) negro (a), evocando imagens de cabelos trançados e pele acariciada pelo amor. Ao afirmar sua “tela preta”, Odailta reivindica seu lugar e voz na sociedade brasileira, rejeitando as omissões e deturpações que ainda são impostas à população afro-brasileira. Logo “Tela Preta” é um grito de liberdade, uma afirmação de identidade e um chamado à ação para uma transformação significativa.

Miriam Alves compartilha não só o sobrenome, mas também a visão libertária de Odailta. Para Miriam, a literatura afro-brasileira representa uma oportunidade de resgate cultural, possibilitando o surgimento de emoções e histórias marginalizadas pela sociedade moldada durante a diáspora, ou seja, desde a vinda forçada do povo negro houve a dispersão proposital da população para apagar todos os traços culturais e sociais das comunidades, facilitando assim a opressão desses povos. E o resgate da história e de parte dos costumes desses povos pode se realizar através da literatura. Segundo Miriam,

A literatura afro-brasileira funciona como um catalisador de histórias as quais transforma em registro ficcional e poético para transmiti-las não só como anais de fatos, mas, sobretudo, com a grafia de emoções perpetuando, no ato da escrita, o resgate do passado, o registro do presente da trajetória de um segmento populacional relegado ao esquecimento ou ao segundo plano da historiografia, inclusive das artes literárias. (ALVES, 2010, p.44).

Então, a literatura afro-brasileira tem um papel crucial ao dar voz ao povo negro, sejam homens, mulheres e os que com o binarismo de gênero não se identificam, para que possam compartilhar suas visões de mundo, suas emoções e vivências, e para destacar suas necessidades, buscando assim serem tratados com dignidade e respeito.

Nesse contexto, o discurso afrodescendente busca, conforme explica Zilá Bernd, a “ruptura com os contratos de fala e escrita ditados pelo mundo branco” (BERND, 1988, 22), objetivando a configuração de “uma nova ordem simbólica” (BERND, 1988, 85), que expresse a “reversão de valores” (BERND, 1988: 89). Ao analisar os seguintes trechos do poema “Letras Pretas”, pode-se entender como esse discurso é utilizado pela autora:

Minhas Letras Vagam
Pela negritude que sou eu
Empretecem meus caminhos
[...]
Que denunciam os negros finados
O racismo velado.
E sei que cada vocábulo
Não está sozinho
[...]
Palavras que ecoarão
Ressignificando a escuridão
Pois as letras pretas fazem percursos próprios (ALVES, 2023, p. 48,

fragmentos).

Essa poesia de Odailta Alves revela uma ruptura com as convenções literárias estabelecidas pela cultura hegemônica, conforme evidenciado na afirmação de que suas letras "vagam pela negritude". Ao invés de se conformar às normas literárias tradicionais, Alves trilha um caminho próprio, centrado em suas experiências e identidade negras. As "letras pretas" simbolizam uma forma de escrita que desafia os padrões convencionais e cria um espaço de expressão para a voz negra.

Esse ato de empretecer seus caminhos com suas letras não apenas denuncia as injustiças sofridas pela população negra e o racismo velado, mas também contribui significativamente para a configuração de uma nova ordem simbólica. Ao transfigurar a realidade com a arte, a poeta também a documenta. Odailta Alves simultaneamente transforma o real, ressignificando a escuridão e convertendo-a em uma fonte de poder e resistência. Este processo implica uma reversão de valores, nos quais elementos tradicionalmente percebidos de maneira negativa são revalorizados e apropriados como símbolos de força e resiliência.

Especialmente, quando se fala das mulheres negras dentro da Literatura afro-brasileira, algumas acharam um espaço para contar suas histórias e serem reconhecidas por isso. Elas escrevem sobre e como se sentem na sociedade, o que querem e as coisas que já viveram que fazem com que vejam o mundo de certas maneiras. E fazem isso usando uma forma de falar que mostra quem elas são e o que passaram, recuperando em busca de uma conscientização da sociedade em prol de um urgente reparo histórico do grave crime contra a população negra. Ao pensar sobre essa condição histórica dos escravizados e escravizadas no Brasil, Lélia González (2020) ressalta que, apesar de ter uma predominância de homens entre os escravizados que trabalhavam no campo, muitas mulheres também trabalhavam cultivando as terras com a mesma falta de condições ou trabalhavam nos afazeres domésticos na casa grande das fazendas. E, apesar do trabalho extenuante, carregavam o peso adicional de sustentar emocionalmente suas famílias e comunidades diante das adversidades impostas pelo sistema escravocrata. Em suma, diz González:

E a mulher negra, qual a sua situação enquanto escrava? Em termos populacionais, sabe-se que o elemento masculino, sobretudo na região das Minas, foi predominante entre a escravaria. Entretanto, o sistema não suavizou o trabalho dessa mulher. Vamos encontrá-la também nas duas categorias de Freitas: a trabalhadora do eito e a mucama. E o que percebemos é que, em ambas as situações, coube-lhe a tarefa de doação de força moral para seu homem, seus filhos ou seus irmãos de cativeiro. (GONZÁLEZ, 2020, p. 45).

Assim como González chama a atenção para a condição da mulher negra enquanto escravizada, Odailta, em seu poema “Antigamente”, traz à tona através das lembranças e do imaginário que lhe foi repassado por suas ancestrais, como era a

vivência da mulher negra ao longo do período escravocrata, e isso permite expressar toda sua indignação, na contemporaneidade. Vejamos os versos: “Antigamente eu morria de fome, fui estuprada pela escravidão [...], antigamente, ah, antigamente, eu morria calada” (ALVES, 2023, p 40). O poema ecoa as vozes das mulheres negras que ao longo da história foram subjugadas e revela a profunda indignação diante das injustiças que enfrentaram. Através de suas palavras, a autora dá voz às experiências traumáticas e dolorosas das mulheres negras no passado. Ela denuncia as violências físicas e emocionais que as mulheres negras suportaram, como a fome e o estupro, além de rejeitar o saudosismo que tenta apagar essas memórias dolorosas. O poema também confronta diretamente a hipocrisia daqueles que negam a existência do racismo, questionando em que mundo essas pessoas viviam: “É tanta hipocrisia, tanto cinismo, abrir a boca para dizer que antes não havia racismo [...], em que mundo você vivia?” (ALVES, 2023, p.41). Esse questionamento corrobora com a análise de Lélia Gonzalez sobre a condição das mulheres negras durante a escravidão, destacando como elas desempenhavam papéis cruciais, apesar das condições adversas. A expressão de raiva e determinação no poema, especialmente quando a autora declara que “minha história sou eu quem escrevo e esmago o teu racismo doente” (ALVES, 2023, p.41), reflete a busca por uma identidade e voz próprias, que desafia as estruturas de poder e dominação que tentaram silenciá-la. Sobre esse direito à voz social, mais uma vez recorremos à Lélia González:

Em termos de movimento negro e no movimento de mulheres se fala muito em ser o sujeito da própria história; nesse sentido eu sou mais lacaniana, vamos ser os sujeitos do nosso próprio discurso. O resto vem por acréscimo. Não é fácil, só na prática é que vai se percebendo e construindo a identidade, porque o que está colocado em questão também é justamente uma identidade a ser construída, reconstruída, desconstruída, num processo dialético realmente muito rico (GONZÁLEZ, 2020, p. 291).

Assim, tanto o poema de Odailta Alves quanto o que explica Lélia González ressaltam a importância de ouvir e valorizar as vozes delas, e de se apropriar da condição de sujeitas dos seus discursos, em busca de desconstruir um cenário social erigido há muito tempo em que foram (e ainda são) marginalizadas e ignoradas na perspectiva histórica e literária brasileira. Elas destacam a resistência, a resiliência e

a busca por autonomia dessas mulheres, que continuam a lutar contra o racismo e outras formas de opressão até os dias de hoje.

Ao escrever sobre suas vivências, as mulheres negras não apenas constroem novos mundos literários, mas também resgatam e preservam a memória coletiva de seu povo, desafiando as omissões e distorções históricas impostas pela sociedade. Dessa forma, essas mulheres que escrevem também estão falando sobre coisas que afetam especificamente pessoas como elas, o que combina com a ideia de Fernanda Figueiredo (2009).

Escrever, para estas mulheres, é "ultrapassar" uma percepção única da vida; é construir mundos e neles apreender, discutir, apontar, enfim, serem agentes imprescindíveis à vida. As vozes-mulheres negras, são, portanto, as vozes, agora audíveis, não somente a própria voz, as vozes ancestrais silenciadas por séculos de exclusão. (...) Elas soltam as mãos e os olhares em seus teares, formando, aos poucos, nova roupagem para a literatura brasileira: a literatura afro-brasileira de autoria feminina. O papel das escritoras é escrever e inscrever a memória do povo negro pelo olhar de dentro; um olhar que recusa as omissões que a sociedade brasileira, sob a égide do mito da democracia social e racial, impôs e ainda impõe à população afro-brasileira. (FIGUEIREDO, 2009, p. 104).

Confirmamos, então, o poder da escrita para as mulheres negras como um meio de superar uma visão limitada da vida e de construir mundos onde possam expressar, discutir e apontar questões fundamentais. Para essas mulheres, escrever não é apenas uma forma de comunicação e de expressão artística, mas também um ato de empoderamento. Suas vozes representam não apenas suas próprias experiências, mas também as vozes ancestrais que foram silenciadas ao longo dos séculos de exclusão. Em seu livro *Afrochego*, a escritora Odailta Alves apresenta no poema "Versos fúnebres" a consciência da importância política de sua escrita como mulher negra, o que a diferencia de uma tradição literária que apenas objetifica a população negra:

Eu tenho escrito
Como quem recebe
A extrema-unção
[...]
E todos os meus versos tristes
Escreva pelas ladeiras do Morro
Como tapetes
Pra preta pisar. (ALVES, 2023, p. 109, fragmentos).

Nesses versos, "Eu tenho escrito / Como quem recebe / A extrema-unção" Alves usa a metáfora da escrita como um ato final, comparando-o à extrema-unção, um rito religioso católico realizado em pessoas à beira da morte. Essa escolha de palavras sugere que a escrita é um ato de urgência, carregado de um significado profundo e de uma necessidade vital. Escrever torna-se uma forma de sobrevivência e resistência, quase como se cada palavra fosse uma última tentativa de deixar um legado ou uma marca indelével no mundo. Os "versos tristes" são espalhados pelas "ladeiras do Morro", simbolizando os espaços periféricos e marginalizados onde a população negra muitas vezes reside. A ideia de que esses versos se tornam "tapetes / Pra preta pisar" é uma metáfora que confere dignidade e honra. O ato de escrever transforma o cotidiano duro e as adversidades enfrentadas em algo valioso e reverente, quase como um tributo às mulheres negras que andam por esses caminhos.

A escrita de mulheres negras na literatura afro-brasileira é caracterizada por uma forte carga de resistência e identidade. O que também podemos observar no poema "Chega!":

Chega!
A partir de hoje
Nada de morena
Parda, da cor
Só responderei:
Negra!
Negra mulher
Negra espinho
Negra flor
Sem progressivas
Nem chapinhas
Encrespada
Empoderada
Liberta do ditador

Chega!
Sairei de torço
Pelas ruas
E torcerei
O teu olhar reprovador! (ALVES, 2023, p. 77).

Nesse poema, Odailta Alves segue a abordar questões relacionadas à importância do reconhecimento e empoderamento da mulher negra, temas centrais na literatura afro-brasileira e presentes nas obras de grandes escritoras. Além disso, o poema expressa uma ruptura com padrões estéticos e sociais impostos às mulheres negras, particularmente no que diz respeito à sua aparência e autoafirmação. A decisão de se identificar exclusivamente como "negra" em vez de "morena" ou "parda" representa uma afirmação da própria identidade racial, desafiando estereótipos e negando a imposição de padrões de beleza eurocêntricos, os quais constroem o colorismo que enfraquece a coesão e luta da população negra no Brasil.

A linguagem do poema é marcada por uma oratória de declamação ideal em espaço público, uma atitude de resistência e reivindicação, evidenciada pelo uso de termos como "Chega!" e "Liberta do ditador", que sugerem uma recusa em aceitar as normas dominantes e uma busca por autonomia e libertação. A referência ao cabelo "encrespado" em oposição à ideia de alisamento através de "progressivas" ou "chapinhas" também é significativa, pois ressalta a valorização da beleza natural e a rejeição de padrões impostos de conformidade. Joice Berth (2019) afirma que

O processo de fortalecimento da autoestima e estratégias conscientes de desenvolvimento das relações consigo mesmo também faz parte de um processo ativo de empoderamento e deve ser levado a sério, embora nem sempre nos meios de militância isso seja considerado um elemento indiretamente político. Para o grupo de mulheres negras, tendo em vista as condicionantes que influem no acúmulo da experiência como sujeito oprimido, esse processo torna-se invariavelmente uma questão de sobrevivência. (BERTH, 2019 p. 86).

Retomando o poema, nele a imagem da mulher negra como "espinho" e "flor" sugere uma dualidade complexa e multifacetada, contrariando os estereótipos simplistas, e reconhece a riqueza e diversidade da experiência negra. A decisão de "sair de torço pelas ruas" e desafiar "o olhar reprovador" representa uma afirmação pública de orgulho e autoaceitação, desafiando o racismo e a discriminação.

Diante do exposto, percebe-se que a escrita de Odailta Alves está carregada de subjetividades que são próprias de suas experiências e saberes únicos e que estabelece novos paradigmas que fazem o contraponto ao que é canônico, como afirma Fernanda Figueiredo (2009): Com suas escritas, as mulheres negras apresentam novos paradigmas ao emergir um mundo oprimido por séculos de repressão revelados no ato da escrita.

Esses temas e abordagens encontrados no poema de Odailta Alves estão alinhados com muitos dos temas e preocupações presentes na literatura afro-brasileira, incluindo a obra de Lélia González, quando trata do empoderamento da mulher negra como um elemento essencial na luta contra a opressão e discriminação racial. Destaca-se a importância da participação ativa das mulheres negras em movimentos sociais, como o Movimento Negro Unificado (GONZÁLEZ, 2020, p. 68), e em organizações comunitárias, como associações de moradores em favelas e bairros periféricos (GONZÁLEZ, 2020, p.97). Lélia ressalta que as mulheres negras desempenham um papel fundamental na resistência contra os efeitos do capitalismo e na transmissão dos valores culturais afro-brasileiros para as gerações futuras (GONZÁLEZ, 2020, p.116). Além disso, enfatiza a necessidade de reconhecer e combater a exclusão da mulher negra nos discursos e textos do movimento feminino, que muitas vezes negligenciam a opressão racial enfrentada por essa parcela da população (GONZÁLEZ, 2020, p.52).

Podemos ver nos poemas de Odailta Alves uma continuidade do diálogo e da luta presentes na literatura afro-brasileira contemporânea que é reverberada por outras autoras como Conceição Evaristo, quando diz que “pode-se dizer que os textos femininos negros, para além de um sentido estético, buscam semantizar um outro movimento, aquele que abriga toda as suas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida.” (EVARISTO, 2012, p.7). Evaristo, em seu depoimento, deixa claro que, quando escreve suas histórias, ela não consegue separar isso da sua experiência como uma mulher negra. Ela viveu coisas que apenas uma mulher negra poderia entender, e isso influencia profundamente o que ela escreve. Sua escrita é uma maneira de compartilhar essas experiências únicas com o mundo. “Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’ e que por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta.” (EVARISTO, 2009, p. 18).

Então Evaristo enfatiza a importância da experiência pessoal, particularmente a experiência de uma mulher negra, na criação literária. E a poesia de Odailta Alves também faz esse resgate e mergulho na identidade, vivências e experiências da mulher negra. “O melhor elogio a se receber, você saiu da favela, mas a favela não saiu de você” (ALVES, 2023, p24). Alves, assim como Evaristo, explora questões

como racismo, sexismo, ancestralidade, resistência e empoderamento feminino negro em sua obra poética, quando declama: “Que minha cor não seja motivo de xingamento e emudeçam os tons pejorativos que me causam sofrimento que meu passado não me plante na escravidão, e nunca esqueçam que fui escravizada, mas escrava: não” (ALVES, 2023, p72). “Nessa vida crua e dura e se eu não amanhecer, tudo o que tenho a dizer sangrei na literatura” (ALVES, 2023, p39). Percebe-se que os poemas de Alves oferecem uma perspectiva íntima sobre a vida e as emoções de mulheres negras, refletindo suas experiências pessoais e as complexidades de suas identidades.

3. A Mulher Negra e a Interseccionalidade na obra *Afrochego*

Entre os mais diversos temas poetizados no livro *Afrochego* que atravessam “meu povo preto, meu povo pobre, meu povo da favela, do quilombo, do gueto”, conforme nos alerta Odailta Alves na contracapa, podemos chamar a atenção para a consciência de que há vários fatores interseccionados que interferem na subordinação e marginalização sociais de povos. A interseccionalidade que causa a subjugação da mulher negra é manifestada e denunciada no texto poético de Odailta, por isso Sankofa afirma, “nesses poemas que constituem esse livro observa a apresentação da pessoa negra de forma interseccional, abrindo para a diversidade que se constitui a população negra” (SANKOFA apud Alves, 2023, p. 3).

A interseccionalidade é um conceito desenvolvido pela professora e ativista Kimberlé Crenshaw, que destaca a importância de considerar as múltiplas dimensões da identidade de uma pessoa e como essas dimensões se sobrepõem e se interconectam para moldar suas experiências e oportunidades na sociedade. Explica que:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.(CRENSHAW, 2002, apud PESTANA, 2017, p.177).

Em uma sociedade como o Brasil, socioeconomicamente desigual e culturalmente tão diversa, existem vários sistemas de opressão, incluindo raça ou etnia, classe social, localização geográfica, entre outros. Esses sistemas se relacionam e se sobrepõem, criando complexas redes de discriminação. Por exemplo, o racismo é uma forma de opressão distinta do patriarcado, que é distinta da opressão de classe. No livro *Mulheres, Raça e Classe* (2016), a autora norte-americana Ângela Davis aborda a interseccionalidade ao discutir a complexa interação entre gênero, raça e classe na experiência das mulheres, e destaca como as mulheres negras enfrentam as opressões interligadas. Ela critica as análises simplistas que ignoram essas interseções, enfatizando que a interseccionalidade é essencial para uma compreensão mais completa desses diferentes sistemas de opressão. Uma mulher negra pode enfrentar discriminação não apenas por ser mulher e negra, mas também pelas interações entre esses dois marcadores.

Para entender como esses sistemas de opressão afetam diferentes pessoas, precisamos reconhecer que existem muitas diferenças naturais entre os seres humanos, como gênero, cor da pele, idade e orientação sexual. Indivíduos ou grupos que pertencem a certas categorias são frequentemente submetidos a várias formas de discriminação e opressão. Por exemplo, uma mulher negra e lésbica – como Odailta Alves – pode enfrentar discriminação de gênero, racial e homofóbica/lesbofóbica (mais precisamente), enquanto uma mulher branca burguesa cisgênero e heterossexual, geralmente, tende a enfrentar “apenas” discriminação de gênero. Sobre essa questão, Miriam Alves salienta que mulheres negras “passam por uma tríplice opressão e uma segregação secular, além de terem que superar a ideia, cristalizada na sociedade brasileira, de serem incapazes de assumir outros papéis e cargos e terem que suplantar... a marginalização econômica” (ALVES, 2010, p. 64). Coadunada a esse pensamento, Joice Berth ressalta que:

Não se pode hierarquizar as opressões, considerando algumas mais urgentes que as outras, e sim olhar a partir de uma perspectiva interseccional, identificando como elas se inter-relacionam e em que elas se somam, potencializando seus efeitos sobre um grupo de indivíduos (BERTH, 2019, p. 64).

Por outro lado, a teoria da interseccionalidade tem encorajado análises críticas e responsáveis no campo das Ciências sociais, que visam combater as

consequências estruturais das opressões e promover a inclusão social. E, como vimos, a literatura se mostra eficiente instrumento nessa luta. O poema "Eu-Resistência" de Odailta Alves trata a interseccionalidade das opressões enfrentadas pelas mulheres negras, articulando as dimensões de raça, gênero e classe.

Sou mulher,
Trans
Terreiro
Lésbica
Periférica
Negra
[...]
A cega, surda, cadeirante
Nem melhor, nem pior
Diferente
Sou teu dedo apontado.
[...]
Sou a batalha constante
Pelas chuvas da equidade
[...]
Sou a que ainda bebe gotas
Das políticas de reparação
E rejeita o desprezo
De quem não tem coração. (ALVES, 2023, p. 105, fragmentos).

O poema "Eu-resistência" encapsula a complexidade das experiências vividas por uma mulher que se encontra na interseção de várias formas de opressão através de múltiplas identidades: "Sou mulher, Trans, Terreiro, Lésbica, Periférica, Negra, A cega, surda, cadeirante" - Cada uma dessas identidades representa um marcador social específico que traz consigo uma série de desafios e discriminações. A autora não apenas menciona essas identidades, mas também sugere a sobreposição dessas categorias, refletindo sobre as opressões múltiplas e simultâneas que enfrenta (e outras que não enfrenta, mas sabe serem impostas a outras mulheres e outros corpos), destacando que essas não podem ser vistas isoladamente, "Nem melhor, nem pior. Diferente". A eu lírica reivindica sua singularidade sem hierarquizar as opressões, reconhecendo a individualidade das experiências. "Sou teu dedo apontado" - Essa linha sugere a constante vigilância e o julgamento enfrentados por aqueles que são marginalizados por várias razões simultaneamente. Nesse sentido, vale a leitura do poema que nos remete ao pensamento de bell hooks a qual reitera, e nos explica:

As mulheres compartilham não a mesma opressão, mas a luta para acabar com o sexismo, ou seja, pelo fim das relações baseadas em diferenças de gênero socialmente construídas. Para nós, negros, é necessário enfrentar esta questão não apenas porque a dominação patriarcal conforma relações de poder na esfera pessoal, interpessoal e mesmo íntima, mas também porque o patriarcado repousa em bases ideológicas semelhantes às que permitem à existência do racismo a crença na dominação construída com base em noções de inferioridade e superioridade” (hooks, 2019, p. 83).

O pensamento de hooks deixa claro que as bases ideológicas que sustentam o patriarcado são semelhantes às que sustentam o racismo. Ambas se fundamentam na crença de que um grupo de pessoas (baseado no gênero ou na raça) é superior a outro. Então, para as pessoas negras, é importante lutar contra o patriarcado não só porque ele afeta suas vidas pessoais e sociais, mas também porque ele se baseia na mesma lógica que justifica o racismo. Ambas as formas de opressão dependem da ideia de que alguns grupos são inferiores e outros superiores. Logo, tanto o combate ao sexismo quanto ao racismo são importantes porque ambos os sistemas de opressão compartilham a mesma raiz: a crença na inferioridade de certos grupos de pessoas. Portanto, ao lutar contra um, também se está combatendo o outro.

No poema esse combate é latente no verso "Sou a batalha constante pelas chuvas da equidade" – neste verso a eu lírica se posiciona como uma guerreira em busca de justiça e igualdade, enfatizando a contínua luta por direitos e reconhecimento. "Sou a que ainda bebe gotas das políticas de reparação" - Ela reconhece os esforços existentes para reparar injustiças passadas, mas indica que esses esforços são insuficientes "gotas". A crítica às insuficientes políticas de reparação e ao desprezo da sociedade é clara: "E rejeita o desprezo de quem não tem coração" - Esta linha denuncia a insensibilidade de segmentos da sociedade que não reconhecem ou respeitam a dignidade das pessoas que vivem na interseção de múltiplas identidades marginalizadas. O poema é um exemplo prático daquilo que a teoria da interseccionalidade busca explicar. Ele ilustra como as diferentes formas de opressão se entrelaçam e como as políticas públicas e sociais muitas vezes falham em abordar essas interseções de maneira eficaz. A autora, através de sua poesia, dá voz às experiências multifacetadas de pessoas que são marginalizadas por mais de um motivo, destacando a necessidade de um entendimento mais profundo e de uma abordagem mais inclusiva e holística nas políticas de reparação e inclusão social.

3. Empoderamento da Mulher negra e a busca do seu lugar de fala na poesia de Odailta

Outro tema muito importante e atual que a poesia de Alves explora é o Empoderamento da mulher negra e o seu lugar de fala, para entender como esses fenômenos são importantes para a transformação social, política e econômica de uma sociedade racista.

O empoderamento é a continuidade do processo que garantirá que essa existência pleiteada pelo lugar de fala se desenvolva de maneira plena e eficiente nas ações para a emancipação possível de mulheres negras e de outros sujeitos sociais oprimidos. (BERTH, 2019, p. 42).

Essa citação de Joice Berth ressalta a importância do empoderamento como um processo contínuo que visa garantir o desenvolvimento pleno e eficaz da existência pleiteada pelo lugar de fala das mulheres negras, e tantos outros oprimidos socialmente, que enfrentam opressões múltiplas devido a interseccionalidades de gênero, raça e classe. Nesse sentido, o empoderamento é visto como uma ferramenta essencial para a emancipação desses grupos, permitindo que assumam o poder, a autoridade e o controle de suas vidas, desafiem as estruturas de poder opressoras e atuem de forma assertiva na busca por igualdade e justiça social. Essa abordagem ressalta a importância do empoderamento como um meio de capacitar as mulheres negras e outros sujeitos sociais marginalizados a se tornarem agentes ativos de mudança em suas comunidades e na sociedade em geral, contribuindo para a construção de um mundo mais inclusivo, equitativo e diverso.

Da mesma forma que o entendimento sobre empoderamento é particularmente importante, também é relevante o entendimento sobre o “lugar de fala”, que se refere à ideia de que a experiência e a perspectiva de uma pessoa são moldadas por sua posição social e identidade, ou seja, a busca pelo reconhecimento e validação das experiências e vozes dessas pessoas. (SPIVAK, 2010, p. 67) Inclusive afirma que “cabe às mulheres intelectuais compreenderem a urgência de que indivíduos subalternizados se representem e sejam ouvidos”, ou seja, Spivak

ênfatiza que é responsabilidade das intelectuais feministas não apenas falar por indivíduos marginalizados, mas criar condições para que eles mesmos possam expressar suas próprias vivências e perspectivas. Djamila Ribeiro (2019) reitera que cada indivíduo possui um "lugar de fala", o qual é influenciado por fatores como raça, gênero, classe e outras identidades sociais. Essa localização social não apenas determina as experiências vividas, mas também as formas como essas experiências são percebidas e validadas na sociedade.

Numa sociedade como a brasileira, de herança escravocrata, pessoas negras vão experimentar racismo do lugar de quem é objeto dessa opressão, do lugar que restringe oportunidades por conta desse sistema de opressão. Pessoas brancas vão experimentar do lugar de quem se beneficia dessa mesma opressão. Logo, ambos os grupos podem e devem discutir essas questões, mas falarão de lugares distintos. Estamos dizendo, principalmente, que queremos e reivindicamos que a história sobre a escravidão no Brasil seja contada por nossas perspectivas, e não somente pela perspectiva de quem venceu (RIBEIRO, 2019, p. 56).

A autora destaca que é crucial reconhecer e validar as vozes de grupos historicamente marginalizados, como mulheres negras, pois suas experiências oferecem perspectivas únicas que confrontam narrativas dominantes e universais. Além disso, Ribeiro menciona que a discussão sobre "lugar de fala" não deve ser vista como uma restrição à troca de ideias, mas sim como uma forma de reconhecer as hierarquias sociais e as desigualdades que impactam a capacidade de cada um de falar sobre suas experiências. Portanto, a busca pelo reconhecimento e validação das experiências e vozes dessas pessoas é um aspecto central do debate sobre o "lugar de fala".

Nesse contexto Berth também afirma que o empoderamento, assim como o lugar de fala, coloca-se em uma posição estratégica de descortinador da bipolaridade social (BERTH, 2019, p. 42). Ou seja, tanto o empoderamento quanto o lugar de fala revelam à divisão ou polarização social, onde há uma clara distinção entre grupos privilegiados e oprimidos. Por tanto são ferramentas importantes e deliberadas na luta contra a opressão.

No livro *Afrochego*, o poema "Negritude no Poder" de Odailta Alves expressa a luta e reivindicação de espaço e voz para as pessoas negras em esferas de poder e decisão. A poema reflete o empoderamento como um processo essencial para a

transformação social e para a conquista de direitos e visibilidade das pessoas negras. Com uma linguagem direta e afirmativa, evidenciando a urgência e a força do discurso da autora. A estrutura em versos livres permite uma fluidez que reforça a mensagem de liberdade e de rompimento com as amarras históricas e sociais que têm limitado a atuação das pessoas negras.

Quero o vento ecoando
Minha negra voz
Pelos espaços de poder
[...]
Desataremos os nós
Há séculos a nos conter
Não serei objeto de estudo
Serei o sujeito estudado
O sujeito estudante
A negra acadêmica
O negro diplomado
[...]
No congresso
No tribunal
Não mais na cadeira do réu
Nem na página policial
[...],
Chegarei de carro oficial
Não mais viatura
Quero colorir os espaços caucasianos
Encrespar, enegrecer,
Ser sujeito do meu discurso
[...]. (ALVES, 2023, 56, fragmentos).

Os versos iniciais "Quero o vento ecoando / Minha negra voz / Pelos espaços de poder" ressaltam o desejo de amplificação da voz negra em ambientes de poder, onde historicamente foram marginalizados. O uso da palavra "ecoando" sugere a disseminação e a influência que essa voz pode ter. "Desataremos os nós / Há séculos a nos conter" – A metáfora dos "nós" representa as barreiras e limitações impostas às pessoas negras. O verbo "desatar" indica um movimento ativo de libertação e transformação das estruturas de opressão. "Não serei objeto de estudo / Serei o sujeito estudado" – Aqui, a autora reivindica a transição de objeto passivo de estudo para sujeito ativo e participante, destacando a importância do protagonismo negro na produção de conhecimento. "A negra acadêmica / O negro diplomado" – Estes versos enfatizam a conquista de espaços acadêmicos e profissionais, tradicionalmente dominados por pessoas brancas. "No congresso / No tribunal / Não mais na cadeira

do réu / Nem na página policial" – A autora imagina um futuro em que as pessoas negras ocupam posições de poder e decisão, e não mais posições de subjugação e criminalização. "Chegarei de carro oficial / Não mais viatura" – Esta oposição reforça a mudança de status e reconhecimento social. "Quero colorir os espaços caucasianos / Encrespar, enegrecer" – A ideia de "colorir" e "enegrecer" os espaços representa a valorização e a presença da identidade negra em todos os ambientes, rompendo com a hegemonia branca. "Ser sujeito do meu discurso" – Este verso final reafirma a importância do controle sobre a própria narrativa e a centralidade da experiência negra nas discussões sobre poder e sociedade.

O poema de Odailta Alves reflete os conceitos de empoderamento e lugar de fala discutidos anteriormente. A poeta reivindica o direito das pessoas negras de serem ouvidas, respeitadas e reconhecidas nos espaços de poder e decisão. Ela rejeita a posição de subalternidade imposta pela história e exige um futuro em que a negritude seja celebrada e ocupante de posições de destaque e influência. O poema é um manifesto pela justiça, igualdade e inclusão social.

4. Considerações finais

A literatura afro-brasileira é um movimento literário cuja temática está relacionada à história do povo negro e a sua trajetória no Brasil até os dias atuais, nesse contexto o livro de poemas *Afrochego* de Odailta Alves não apenas reflete as experiências e os desafios enfrentados pelo povo negro, mas também reivindica um espaço de protagonismo e visibilidade. Os poemas analisados evidenciam a luta contra a opressão e a discriminação racial, ao mesmo tempo em que celebram a identidade e a ancestralidade das mulheres negras. Carregado de expressões íntimas das experiências e emoções da autora, refletindo a complexidade de sua história como uma mulher negra também. Dessa forma, a autora se insere na literatura brasileira por uma ótica reveladora e denunciante, mas também por uma perspectiva bela e encantadora, que informa e abraça o leitor. Através de seus poemas, enfatiza temas que atravessam a vida dessas pessoas, como identidade, racismo, resistência, interseccionalidade, abordando fatores como classe e gênero que se entrelaçam na marginalização social e propondo empoderamento, mostrando que a literatura afro-

brasileira vai além da estética, desempenhando um papel crucial na luta contra o racismo e na valorização das pessoas negras.

Além disso, a análise relaciona a obra de Alves com as perspectivas de outras grandes autoras, como Miriam Alves (2010), que destaca a relevância da produção textual das mulheres negras como forma de expor vivências que não são contempladas nas definições dominantes, humanizando e dando voz à mulher negra; Lélia Gonzalez (2020), que aprofunda essa discussão, ressaltando o empoderamento feminino como um processo de resistência às opressões estruturais, um tema central nos poemas de Odailta Alves e, também, Joice Berth (2019), que complementa essa perspectiva ao destacar a importância do fortalecimento da autoestima e da interseccionalidade, elementos essenciais para a sobrevivência e o empoderamento das mulheres negras, que também ecoam na obra da poeta trabalhada aqui.

Além disso, importante destacar que propusemos o diálogo da poética de Odailta Alves com Ângela Davis (2016) e bell hooks (2019), as quais ampliam o debate ao abordar como as opressões de gênero e raça estão interligadas, exigindo uma luta conjunta contra o patriarcado e o racismo ao denunciar essas estruturas de poder enquanto celebram a força e a resistência das mulheres negras. Por fim, Djamila Ribeiro (2019), em seus estudos, reforça a necessidade de que a história da escravidão e da negritude no Brasil seja contada a partir das perspectivas das/os próprias/os negras/os, um princípio que permeia toda a obra de Alves.

O fundamental é que, para além das/os leitoras/es negras/os que se veem representadas/os nos textos de Odailta, também os indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar, e como esse lugar impacta diretamente a constituição dos lugares de grupos marginalizados. Nesse sentido, neste estudo consideramos que a literatura afro-brasileira desempenha um papel crucial na desconstrução de estereótipos e na promoção de uma nova percepção sobre a negritude e o feminismo negro no Brasil. Por fim, mostramos que a obra *Afrochego*, de Odailta Alves, além de ser uma contribuição literária, é também um chamado à ação, um convite para que todos se unam na luta por justiça social e igualdade.

Referências

- ALVES, Miriam. **BrasilAfro Autorrevelado: Literatura Brasileira contemporânea**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- ALVES, Odailta. **Afrochego: poemas para acalantar meu povo**. São Paulo, Lucel ®, Edição do Autor, 2023.
- BERNARD, Zilé. **A construção do feminino e da consciência negra na literatura brasileira** in A mente Afro-Brasileira. _____. Introdução à literatura negra. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**, São Paulo, Pólen, 2019.
- DAVIS, Ângela. **Mulher, Raça e Classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- EVARISTO, Conceição. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 621-623, maio-ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v17n2/19.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2024.
- _____. **Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face**. 2012. Disponível em: <https://inegalagoas.org/wp-content/uploads/2020/05/gc3aanero-e-etnia-conceic3a7c3a3o-evaristo.pdf> . Acessado em junho 2024.
- FIGUEIREDO, Fernanda Rodrigues. **A mulher negra nos Cadernos Negros: autoria e representações**. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- GONZÁLEZ, Lélia. **Por um feminismo Afro-Latino-Americano**. Rio de Janeiro, SCHWARCZ S.A, 2020.
- hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.
- PESTANA, Cristiane Veloso de Araujo. **A mulher negra nos poemas de Cristiane Sobral – Luta, valorização e empoderamento**. Juiz de Fora – MG, 2017. Disponível em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/5490/1/cristianevelosodearaujopestana.pdf> . Acesso em: 10 abr. 2024.
- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Feminismos plurais. Coordenação: Djamila Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 3ª Reimpressão.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução Sandra Regina GoulartAlmeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitos Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2010.